

# Carta aberta aos cúmplices de genocidas

Franklin Goldgrub

***Menos civis israelenses morreram em consequência de ataques palestinos, em 2006, do que em qualquer outro ano desde que a intifada palestina começou em 2000. (...) Mais significativo ainda, o número de ataques com homens-bomba suicidas em Israel foi quase reduzido a zero. (...) Washington Bureau. [McClatchy Newspapers](#) (16-04-2007).***

*“... há uma barreira de separação que é um obstáculo à resistência. Se ela não estivesse lá, a situação seria inteiramente diferente”. (Ramadan Abdallah Shalah, líder da Jihad Islâmica Palestina, ao Al--Manar, canal do Hezbollah, em 11/11/2006).*

Desde setembro de 2000, 1204 israelenses foram assassinados por terroristas palestinos. 81% eram civis. Os meios: bombas detonadas por suicidas em ônibus, restaurantes, discotecas, cafés, festividades (Páscoa, bar mitzvas), tiros disparados contra ocupantes de veículos e assassinato de membros de comunidades.

Nos atentados com bombas, o número de feridos e mutilados é sete vezes maior do que o de pessoas mortas.

A construção da barreira começou em julho de 2003. Nos dois anos anteriores, 659 israelenses haviam sido mortos e mais de 2300 feridos. O ataque suicida a uma celebração da Páscoa, em Natania, (29 mortos, 65 feridos), desencadeou a operação “Escudo Defensivo” contra as milícias terroristas.

Mas a barreira de segurança foi o fator decisivo para a diminuição do massacre da população civil israelense (incluindo, além de judeus, árabes muçulmanos e cristãos, circassianos, drusos, beduínos, baha'is e turistas). De 2002 a 2003, o número de atentados caiu de 60 a 26. Em 2006 ocorreram 4 ataques, nenhum em 2007 e novamente 4 em 2008 (perpetrados por palestinos residentes em Jerusalém Oriental).

Apesar de que apenas 60% da barreira está de pé, a sua eficácia é indiscutível. Os 40% ainda não construídos protegerão os assentamentos israelenses, que por sua vez protegem o território israelense aquém da linha verde em sua parte mais estreita (cujas larguras não excedem 20 quilômetros).

Boa parte da barreira está sujeita a ações judiciais, analisadas pela Suprema Corte de Israel, cujas decisões frequentemente favorecem os impetrantes, geralmente palestinos ou ongs israelenses que defendem seus interesses, levando à modificação da trajetória.

95% da barreira é constituída por cercas de arame farpado e dispositivos eletrônicos. A parte construída com cimento destina-se a impedir a ação de franco atiradores contra a população civil.

A construção da barreira decorreu da iniciativa de um movimento popular, chamado "*Barreira para proteger a Vida*", criado em 2001 após o atentado suicida à discoteca "Dolphinarium" de Tel Aviv (21 adolescentes mortos, 132 feridos e mutilados).

As organizações terroristas são sinceras em suas declarações, ao contrário de Ongs, jornalistas, intelectuais e artistas pseudo humanistas. Ramadan Abdallah Shalah declarou o seguinte ao jornal Al-Sharq, do Qatar, em 23/5/2008: "*... eles construíram uma barreira de separação na Cisjordânia. Não negamos que isso limita a nossa capacidade de penetrar profundamente para levar a cabo ataques suicidas, mas a resistência não se rendeu nem se tornou impotente, e está buscando outras maneiras de cumprir os requisitos de cada estágio da luta*".

Ou Waters desconhece totalmente o tema ou age de má fé. Talvez ambos. À ignorância da história do conflito soma uma hipocrisia incomensurável, que alia contraditoriamente o "humanismo pacifista" com o belicismo semi-feudal das ditaduras muçulmanas, que criaram e respaldam o terrorismo palestino.

Os críticos da barreira de segurança inspiram-se na mesma atitude que levou os regimes nazista e stalinista a defender seus interesses políticos espúrios em detrimento da verdade.

Muros e barreiras foram erigidos em várias regiões do mundo. Em 2004, a União Européia abriu licitação para a construção de uma barreira de separação entre seus países e os da Europa Oriental, que na época não a integravam, por motivos puramente econômicos.

A Índia construiu uma barreira de segurança na fronteira com o Paquistão. A Arábia Saudita ergueu uma cerca na fronteira com o Iêmen. A Turquia protegeu-se com uma barreira e um campo minado contra a Síria. A ONU optou pela mesma medida em Chipre, para separar as populações grega e turca. O Marrocos fez o mesmo contra a Frente Polisário, respaldada pela Argélia.

Evidentemente, a União Européia, a ONU, a Índia, a Turquia, a Arábia Saudita e o Marrocos condenaram o muro de defesa de Israel... Sem comentários.

Waters poderia ter criticado a decisão de seu próprio país, que separou as duas Irlandas. O muro inglês dividiu bairros católicos e protestantes em Belfast, com paredes que atravessam quintais. Os ingleses parecem satisfeitos com sua função (impedir as ações do IRA — Exército Republicano Irlandês). Mas isso não os impediu de criticar Israel...

Não consta tampouco que Waters tenha privado a Inglaterra de sua extraordinária sensibilidade artística... Ele boicota exclusivamente Israel. (Há males que vêm para bem...)

E o adjetivo “repugnante” é aplicado por Waters àqueles que defendem os atos de legítima defesa de um país ameaçado pelas mais hediondas tentativas de destruição, acompanhadas de discursos declaradamente genocidas...

O pretexto de Waters para apoiar genocidas é “defender” uma população (a palestina), cujos algozes são seus próprios líderes, autoritários e corruptos.

Os atuais levantes da população árabe contra seus tiranos assassinos (vide Síria...), mostram isso até mesmo a cegos profissionais. “Humanistas” como Waters se calam diante desses massacres, como face ao morticínio no Irã, no Sudão e nos demais países muçulmanos. Por que será que dirigem suas críticas ao único país do Oriente Médio em que os direitos humanos são totalmente respeitados?

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)